RELATO DE EXPERIÊNCIA
DOI: 10.5935/2446-5682.20210006

Educação em saúde sobre autocuidado íntimo e ISTs para mulheres em situação de vulnerabilidade

Health education on intimate self-care and STIs for women in vulnerable situations

Educación en salud sobre autocuidado íntimo e ITS para mujeres en situaciones vulnerables

Júlia Buonafina da Silva[1]*, Helena Vitória Silva Pinheiro[1], Júlia Larissa de Souza Silva[1], Maurizene Rodrigues Silva[1], Marília Juliane Pedrosa Gurgel[1], Gabriela Portela[1], Rosário Antunes Fonseca Lima[1]

[1] Universidade de Pernambuco, Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças, Recife, PE, Brasil.

*** Correspondência para:**
Júlia Buonafina da Silva
E-mail: juliabuonafina@gmail.com

Resumo

Objetivo: Relatar a vivência de acadêmicas de enfermagem durante uma ação educativa sobre autocuidado e ISTs com mulheres que vivem com HIV/AIDS em situação de vulnerabilidade. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado a partir de vivências diante de uma ação de educação em saúde com 12 mulheres que vivem com HIV/AIDS em casa de apoio localizada em Recife-PE. **Resultados:** A ação foi realizada com o propósito de dialogar com as mulheres acerca da promoção e prática do autocuidado abordando a importância da higiene íntima e as formas de promovê-la, como também a prevenção das ISTs. **Considerações finais:** A intervenção fundamentada em um cuidado integral e humanizado favoreceu um espaço de discussão sobre a importância da higiene íntima e prevenção de ISTs de forma a promover o autocuidado, empoderamento feminino e autoestima, bem como a disseminação de informações com qualidade e impacto positivo.

Descritores: Autocuidado; Educação em saúde; Enfermagem; Saúde da mulher; Vulnerabilidade em Saúde.

Abstract

Objective: To report the experience of nursing students during an educational action on self- care and STIs with women living with HIV/AIDS in a vulnerable situation. **Method:** This is a descriptive study of the experience report type. It was carried out from experiences in front of a health education action with 12 women living with HIV/AIDS in a support house located in Recife-PE. **Results:** The action was carried out with the purpose of dialoguing with women about the promotion and practice of self-care, addressing the importance of intimate hygiene and the ways to promote it, as well as the prevention of STIs. **Final considerations:** The intervention based on comprehensive and humanized care favored a space for discussion about the importance of intimate hygiene and prevention of STIs in order to promote self- care, female empowerment and self-esteem, as well as the dissemination of information with quality and positive impact.

Descriptors: Self Care; Health Education; Nursing; Women's Health;. Health Vulnerability.

Resumen

Objetivo: Informar sobre la experiencia de los estudiantes de enfermería durante una acción educativa sobre autocuidado e ITS con mujeres que viven con VIH/SIDA en una situación vulnerable. **Método:** Esun estudio descriptivo del tipo de informe de experiencia. Fue realizado a partir de experiencias frente a una acción de educación sanitaria con 12 mujeres que vivencon VIH/SIDA en una casa de apoyo ubicada en Recife- PE. **Resultados:** La acción se llevó a cabo con el propósito de dialogar con las mujeres sobre la promoción y práctica del autocuidado, abordando la importancia de la higiene íntima y las formas de promoverla, así como la prevención de las ITS. **Consideraciones finales:** La intervención basada en la atención integral y humanizada favoreció un espacio de discusión sobre la importancia de la higiene íntima y la prevención de las ITS para promover el autocuidado, el empoderamiento femenino y la autoestima,asícomo la difusión de información con calidad e impacto positivo.

Descriptores: Autocuidado; Educación en Salud; Enfermería. Salud de la Mujer; Vulnerabilidad en Salud.

Como citar este artigo:
Silva JB, Pinheiro HVS, Silva JLS, Silva MR, Gurgel MJP, Portela G, Lima RAF. Educação em saúde sobre autocuidado íntimo e ISTs para mulheres em situação de vulnerabilidade. Rev. Enferm. Digit. Cuid. Promoção Saúde. 2021:1-6. DOI:https://doi.org/10.5935/2446-5682.20210006

Data de submissão: 02/03/2020. Data de aprovação: 05/06/2020.

INTRODUÇÃO

O corpo feminino apresenta demandas diversas que perpassam pelo ciclo vital no qual a mulher está incluída. A assistência a essas necessidades deve ter como foco o acolhimento e a escuta sensível, pois posturas autoritárias e punitivas afastam as mulheres dos serviços prestadores de cuidados, algo que gera agravos e complicações à sua saúde[1].

Pensando nisso, o Ministério da Saúde aborda na Agenda da Mulher diversas temáticas, dentre elas questões que envolvem higiene íntima e Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Esse documento traz noções básicas no intuito de promover a saúde e prevenir agravos, a fim de garantir uma melhor qualidade de vida para as mulheres que buscam os serviços de saúde[2].

A região genital feminina exige cuidados adequados de higiene diante de suas particularidades anatômicas e fisiológicas com propósito de manter a saúde íntima e prevenir infecções, por exemplo. Desse modo, a prática do autocuidado apresenta relação direta com diversos fatores, dentre eles estão os sociais, econômicos, culturais e educacionais. Ou seja, o meio no qual as mulheres estão inseridas repercutem direta ou indiretamente sobre a sua saúde íntima[3].

As ISTs fazem parte do grupo de doenças que afetam a vida sexual e reprodutiva das mulheres, manifestando-se de formas variadas como por corrimentos, pruridos intensos e dores na região genital. Em sua maioria, apresentam tratamento que se reverte para cura, quando não, são tratadas e acompanhadas por equipes multiprofissionais para garantir seu controle[4].

Essas infecções se configuram como doenças adquiridas via relação sexual, onde a manifestação de sinais e sintomas destas patologias carregam um estigma relacionado à promiscuidade, algo que culmina no retardo da busca pelo serviço de saúde, principalmente das mulheres que convivem com alguma IST, como é o caso das mulheres que vivem com o Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/AIDS) e são mais vulneráveis às infecções[4].

O termo vulnerabilidade é empregado diante de algumas situações nas quais o sujeito esteja exposto à ameaça ou ao dano físico e/ou emocional, todavia, com o compromisso mútuo, os indivíduos ou grupos vulneráveis tem maior perspectiva de superar as condições impostas[5,6]. Nessa perspectiva, é possível compreender que as mulheres que vivem com HIV/AIDS sofrem demasiadamente com o preconceito e estigma que a doença carrega, sendo vistas pela sociedade como impuras e merecedoras de viver em subcondições de saúde, tendo suas demandas negadas devido às atitudes punitivas e excludentes[7].

Muitas mulheres não possuem entendimento nem consciência da anatomia de sua região genital, tampouco conhecem as formas de proporcionar o cuidado necessário da sua saúde íntima. No intuito de facilitar esse entendimento e superar as vulnerabilidades, as ações de educação em saúde se mostram como a principal ferramenta de orientação à promoção do autocuidado[3].

É por meio das ações de educação em saúde que a troca de conhecimentos se estabelece, firmando-se assim uma relação de confiança entre os sujeitos. Segundo o educador Paulo Freire, educação não é a mera transmissão de conteúdo, mas sim uma construção do conhecimento por ambas as partes, um processo democrático de aprendizado[5].

Essas ações visam estimular a prática do autocuidado, de modo a reduzir a vulnerabilidade frente ao HIV/AIDS, no âmbito individual, social e programático. Nesse contexto, a teoria do autocuidado de Orem auxilia na busca por diagnósticos que tenham como foco identificar déficits no autocuidado, a fim de promover ações educativas com foco na promoção da saúde e prevenção de agravos[8].

Desse modo, o processo de formação do enfermeiro tem diversos pilares voltados para a qualificação da escuta às demandas da sociedade, visando o estabelecimento do vínculo de confiança, promovendo a interação com os indivíduos passíveis de cuidado. Essa relação deve ser capaz de promover a troca de saberes e envolvimento da comunidade no processo[9].

Diante do exposto, este estudo visa relatar a vivência de acadêmicas de enfermagem durante uma ação educativa sobre autocuidado e ISTs com mulheres que vivem com HIV/AIDS em situação de vulnerabilidade.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado a partir de vivências de acadêmicas de enfermagem do Módulo IV - Dimensão do Cuidar III - Saúde da Mulher da Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças da Universidade de Pernambuco (FENSG – UPE) no período de dezembro de 2017.

Foi realizada uma ação de educação em saúde em uma casa de apoio para mulheres que vivem com HIV/AIDS em situação de vulnerabilidade localizada na cidade do Recife- PE. O público consistiu nas mulheres que moravam na casa e que trabalhavam em voluntariado, somando um total de doze entre elas.

No processo de construção e planejamento da ação, as discentes utilizaram a literatura com enfoque na temática, visando trazer informações seguras e de fontes confiáveis, a partir de protocolos clínicos e manuais do Ministério da Saúde[10]. Foram realizadas reuniões de capacitação e planejamento estrutural da atividade proposta. A dinâmica da ação educativa organizou-se de forma lúdica contendo imagens ilustrativas, artigos de higiene pessoal e material gráfico projetado com a temática de autocuidado com a região íntima e ISTs. A atividade foi planejada para ocorrer em quatro momentos:

- Primeiro momento: Acolhimento e construção de vínculo com as participantes do espaço;
- Segundo momento: Problematização guiada por uma pergunta condutora: "Você conhece a sua vagina?";
- Terceiro momento: Orientação quanto à identificação e prevenção das ISTs;
- Quarto momento: Discussão sobre formas de promoção do autocuidado da mulher com foco na higiene íntima.

RESULTADOS

A atividade teve início com uma roda de conversa, em que as doze participantes tiveram a oportunidade de se apresentarem, falando seus nomes, idades e as expectativas para o encontro. Em seguida, as acadêmicas fizeram a exposição da temática da ação e estimularam o grupo à reflexão com o seguinte questionamento: "Você conhece a sua vagina?". Nesse momento todas sorriram, algumas ficaram envergonhadas e outras responderam afirmando que conheciam.

Com o intuito de facilitar o andamento da conversa, houve a apresentação de um material impresso contendo a imagem anatômica da região genital feminina (Figura 1). Após a explicação, com o auxílio da imagem, algumas das mulheres relataram não saber identificar corretamente o local de saída do conteúdo menstrual, afirmando acreditar que os fluidos e a urina eram excretados pelo mesmo canal. Diante desse cenário, trabalhou-se com elas as diferenças anatômicas existentes entre a uretra, o introito vaginal e o reto, bem como as diferenças dos conteúdos por eles excretados.

Explicou-se também sobre as funções reprodutivas dos órgãos e a relevância dos cuidados com o corpo antes, durante e após uma relação sexual, seja ela com ou sem penetração. Durante o diálogo, uma das mulheres expressou dúvida quanto à utilização de preservativos em uma relação sexual com parceiro que possui diagnóstico de HIV. As acadêmicas orientaram sobre a importância de utilizar o preservativo mesmo

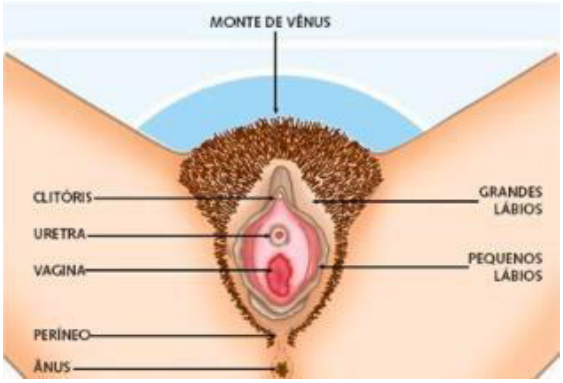

Figura 1. Anatomia da região genital feminina. Recife-PE, Brasil, 2020. Fonte: Zorzi, Rafael; Starling, Iriam Gomes. Corpo Humano: órgãos, sistemas, funcionamento. In: Sistema reprodutor feminino. P 171-175. 2010. Editora Senac. São Paulo– SP.

nessa situação, esclarecendo que o vírus se manifesta de formas variadas em cada organismo, algo que pode agravar o quadro de saúde de uma pessoa que já vive com a infecção.

Posteriormente, apresentou-se ao grupo os tipos de preservativos e como colocá-los de forma correta, para isso foi utilizado um protótipo com o formato do aparelho reprodutor masculino e outro do feminino, onde as mulheres puderam praticar a colocação do preservativo peniano e vaginal. Algumas informaram que após o diagnóstico do HIV não se permitiram experienciar novas relações sexuais, reprimindo sua sexualidade por medo de contaminar o(a) parceiro(a) e/ou desconfiança da eficácia do preservativo.

O grupo de mulheres afirmou desconhecer a existência do preservativo vaginal, revelando a carência de informação sobre a temática. Aproveitando a participação e as indagações das participantes, as discentes explanaram sobre os mitos e verdades do uso do preservativo, bem como a garantia de sua eficiência caso utilizado corretamente.

Dando continuidade à atividade, as facilitadoras exibiram imagens referentes a algumas ISTs, abordaram-se as respectivas definições, formas de contaminação, manifestação e tratamento, com a finalidade de promover informação (Figura 2). Nesse espaço, as participantes demonstraram-se confortáveis para compartilhar suas experiências, revelaram que apesar de apresentar sintomatologia de alguma das ISTs abordadas, não buscaram ajuda do serviço de saúde por vergonha e/ou por medo de serem julgadas. Salientou-se a importância de buscar por apoio, principalmente do serviço de saúde, para realizar o tratamento adequado e receber as orientações necessárias.

Em outro momento, com a intenção de discutir com as mulheres sobre a prática do autocuidado,

Figura 2. Explicação sobre a manifestação das ISTs. Recife-PE, Brasil, 2020. Fonte: Acervo próprio.

incentivou-se a resposta da seguinte pergunta: "O que é autocuidado e como praticá-lo?". Nos relatos, informaram não saber ou não possuir desejo de praticá-lo, pois julgavam-se feias. Seguindo a dinâmica, as discentes projetaram fotos com situações simples e acessíveis, com etapas para os cuidados com o corpo.

Durante a conversa, abordou-se os comportamentos vistos nas fotos e a importância deles para a promoção de autocuidado, como frequência do banho, higienização das roupas íntimas e o momento de trocá-las, colocação do absorvente no período menstrual e o intervalo de trocas, visto que o fluido menstrual somado à umidade da região se configura em um ambiente propício para infecções.

Outras orientações destacadas foram, por exemplo, a tricotomia dos pelos pubianos, o não compartilhamento das lâminas de depilação, sabonetes e toalhas. Fora isso, estimulou-se a forma correta da higienização genital na hora do banho e secagem após a micção. Algumas das mulheres informaram realizar a secagem da genitália no sentido posterior-anterior, logo, recomendou-se o sentido correto para a utilização do papel higiênico, além de efetuar a higienização da área com água e sabão, de modo a garantir a redução de infecções.

Para finalizar a atividade, as participantes do espaço receberam um kit contendo materiais de higiene (creme dental, escova de dentes, hidratante corporal e sabonete), com o propósito de incentivá-las a colocar em prática o que havia sido dialogado sobre autocuidado. E, para avaliar o encontro, perguntou-se ao grupo se haviam alcançado as expectativas do início da ação, onde todas manifestaram opiniões positivas diante da relevância da temática e do conhecimento adquirido através das dinâmicas e discussões.

DISCUSSÃO

Convencionalmente, o entendimento sobre acolhimento no campo da saúde tem sido identificado como recepção administrativa e ambiente confortável. Esse acolhimento favorece a interação e a troca entre os participantes dos espaços em que ocorrem ações educativas, estreitando vínculos e facilitando o desenvolvimento de atividades de educação em saúde[11].

As intervenções de educação em saúde promovem o empoderamento dos sujeitos, autonomia e percepção acerca do seu corpo, algo que favorece a promoção do autocuidado. Nas falas, em muitos momentos, as mulheres demonstraram não conhecer a anatomia de sua região genital, o que demonstra o quanto a sexualidade feminina é reprimida por estar pautada nas iniquidades de gênero, as quais criam diferenças entre a manifestação da sexualidade masculina e feminina. Essas separações fazem com que as mulheres deixem de conhecer seu corpo e, consequentemente, culmina na precarização da higiene íntima[12].

Como observado durante a atividade, a prática do autocuidado ocorre de forma precária nas pessoas em situação de vulnerabilidade, algo que os torna mais susceptíveis a manifestar sintomatologia positiva para ISTs e outras doenças relacionadas às condições inapropriadas de higiene. Outro fator de exposição às ISTs é o contexto no qual a mulher está inserida, pois isso repercute em seu comportamento sexual frente à prevenção. Um estudo afirma que, na maioria das situações, o não uso do preservativo se dá devido à confiança acerca da fidelidade do parceiro(a), algo que reforça o quão espaços de discussão e troca sobre a temática auxilia na promoção da saúde e prevenção da desinformação[13].

Através do aspecto social, falando em vulnerabilidade, a literatura relata as primeiras ações de contenção à disseminação do HIV/AIDS no mundo[14]. A fim de superar os fatores de risco individuais, coletivos e sociais, estes integrados pela vulnerabilidade, deve-se estimular a criação de novas práticas de saúde e, assim, serem executadas através dos cuidados multidimensionais[8].

Destaca-se a privação da vida sexual após o diagnóstico de HIV, repercutindo diretamente na relação dessas mulheres com seus corpos. Nesse sentido, trabalhar a colocação correta dos preservativos

representa uma forma de libertação dessas mulheres frente à manifestação de seus desejos sexuais. Além disso, garantir a utilização correta do preservativo confere autonomia e empoderamento feminino, com a garantia de segurança para ambos durante o ato sexual[15,16].

Foi visto também a estreita relação existente entre a autoestima prejudicada e o déficit no autocuidado no cotidiano de pessoas que vivem com HIV/AIDS. As participantes do espaço descreveram a ausência de vontade de praticar o autocuidado por não se sentirem bem consigo ou por não saberem efetuar da forma correta. Nesse cenário, o incentivo e orientação se configuram como ferramentas valiosas para a construção da autoestima e promoção do autoconhecimento, culminando em melhores condições de higiene[15,16].

As noções de higiene são variáveis de acordo com o contexto de cada indivíduo, sofrem influências pessoais, culturais e sociais. Logo, a educação em saúde se faz importante, pois a ausência de boas práticas de higiene gera riscos potenciais ao desequilíbrio da saúde íntima. O profissional de saúde tem papel importante na promoção da saúde e também da higiene íntima. Através da educação, ele aborda a necessidade, a importância e os riscos associados à fragilidade no autocuidado[17]. A atividade foi desenvolvida de forma a propor mudanças de hábitos por meio de atitudes simples, passíveis de execução a fim de garantir a manutenção da saúde íntima, levando em consideração suas crenças e costumes.

Um estudo mostrou que a utilização do papel higiênico no sentido incorreto, o uso de calça jeans por tempo prolongado, odores alterados e infecções cutâneas relacionadas à depilação da região íntima foram fatores que apresentaram influência na ocorrência de infecções[18]. Durante a vivência, pôde-se notar que as mulheres que vivem na casa de apoio em muitos momentos relataram desconhecer a forma adequada de efetuar seu autocuidado. Reforça-se a importância de ações educativas nesses ambientes, no intuito de garantir a promoção da saúde e a prevenção desses agravos[19].

As atividades de educação em saúde visam dialogar com os sujeitos as mais diversas temáticas de forma descontraída e interativa. A partir da interação em grupo, de acordo com Freire, o conhecimento é um processo dinâmico no qual afirma que ninguém ensina ninguém mas todos aprendem entre si[5]. Essas ações têm como propósito prevenir doenças, promover e recuperar a saúde. Por exemplo, as noções de higiene íntima trabalhadas demonstraram para elas que a execução do autocuidado traz benefícios para saúde e reduz custos comparado ao tratamento das patologias adquiridas pela ausência desses cuidados[20].

O diálogo entre conhecimento científico e os saberes populares auxilia o acadêmico a ter contato, ainda na graduação, com as demandas sociais ampliando seu olhar acerca do cuidado educativo em saúde nos variados contextos através das diversas atividades universitárias[21,22]. Como produto final, o entendimento das necessidades das mulheres pelas acadêmicas e a elaboração de uma atividade direcionada para suas demandas garantiu que o objetivo do trabalho fosse alcançado e a interação acontecesse de maneira positiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção educativa relacionada à promoção do autocuidado fornece às mulheres em situação de vulnerabilidade e aos acadêmicos de enfermagem a troca de saberes e a compreensão sobre a importância da higiene íntima nas práticas de cuidado com o corpo, sendo capaz de promover o desenvolvimento da autonomia e empoderamento do sujeito.

Desta forma, foi possível constatar que a escuta ativa, reflexão e o diálogo pautado no respeito e sem julgamentos às peculiaridades de cada mulher se configurou em uma valiosa ferramenta para o sucesso da interação. Esse modo de estimular o autocuidado com a higiene íntima e prevenção de ISTs demonstrou maior aceitação e participação, revelando suas vantagens e êxitos. Nesse sentido, a atividade fundamentada em um cuidado integral e humanizado, evidenciado pelo uso dos materiais interativos no contato com as mulheres, oportunizou a disseminação de informações com qualidade e impacto positivo.

Vê-se, contudo, a importância da educação em saúde nos diversos cenários, principalmente nos de maior vulnerabilidade. Essa ação educativa propiciou um espaço de discussão sobre empoderamento feminino, autoconhecimento e autoestima, auxiliando no combate à desinformação e à disseminação de doenças como as ISTs, bem como atuou no estímulo ao autocuidado.

COLABORAÇÃO DOS AUTORES

Conceitualização, Metodologia, Redação - Preparação do original, Software: Júlia Buonafina da Silva, Helena Vitória Silva Pinheiro, Júlia Larissa de Souza Silva, Maurizene Rodrigues Silva, Marília Juliane Pedrosa Gurgel, Gabriela Portela

Redação - Revisão e Edição, Gerenciamento do Projeto, Supervisão: Rosário Antunes Fonseca Lima

REFERÊNCIAS

1. Ferreira JEL, Alves MC, Martins MCV, Rosa MPRS, Gonçalves MC. Perfil da população atendida em um consultório de atendimento integral à saúde da mulher. Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde-UNIT. 2015; 3(1):127-140.

2. Ministério da Saúde. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília (Brasil): Ministério da Saúde, 2006.
3. Santos SLF, Silva JMG, Fonteles MMF. Educação em saúde sobre higiene íntima da mulher e infecções sexualmente transmissíveis: relato de experiência. Revista Expressão Católica Saúde. 2018; 2(2):40-44.
4. Alves B, Gonçalves MB, Fontoura LV, Neves GDE. Perfil sexual de estudantes universitários. Rev Bras Promoç Saúde. 2017; 30(4):1-8.
5. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 60ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2019.
6. Cunha T, Garrafa V. Vulnerability: a key principle for global bioethics?. Cambridge Quarterly of Healthcare Ethics. 2016; 25(2): 197-208.
7. Brilhante AVM, Moreira GAR, Vieira LJES, Catrib AMF. Um estudo bibliométrico sobre a violência de gênero. Saúde Soc. 2016; 25(3):703-715.
8. Santos MCF, Nóbrega MML, Silva AO, Bittencourt GKGD. Diagnósticos de enfermagem para mulheres idosas com vulnerabilidade ao HIV/Aids. Rev Bras Enferm. 2018; 71(suppl 3):1518-28.
9. Feitosa LS, Araujo SLM, Silva MC, Silva CPMFS, Andrade MS. Percepção da educação popular em saúde na prática da enfermagem. Rev. Enf. Dig. Cuidados e promoção da Saúde. 2015; 1(2):76-81.
10. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Cadernos de Atenção Básica, n. 26: Saúde sexual e saúde reprodutiva. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
11. Masson N, Falcão A, Velo MMA, Pereira AC. Acolhimento e vínculo: tecnologias relacionais na produção da saúde. Rev. Bras. Pesq. Saúde. 2015; 17(2):103-110.
12. Ceccon RF, Meneghel SN. Iniquidades de gênero: mulheres com HIV/Aids em situação de violência. Physis Revista de Saúde Coletiva. 2013; 27(4):1087-1103.
13. Lobo LMGA, Almeida MM, Santos TS, Morães WBS, Freitas DES, Oliveira FBM. Vulnerabilidade feminina para infecções sexualmente transmissíveis durante visita íntima. Revista Eletrônica Acervo Saúde. 2019; 11(8):653.
14. Ayres JRCM, França J, Calazans GJ, Filho HCS. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. Promoção da Saúde: conceitos e tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2003; 2: 121-144.
15. Costa BA, Teixeira EP, Rodrigues IP, Ataíde IL, Ferreira AMR. Vítimas e culpadas: representações sociais sobre mulheres que vivem com HIV. Revista Cuidarte. 2017; 8(3):1887-1898.
16. Patrício ACFA, Silva IBN, Ferreira MAM, Rodrigues BFL, Silva RF, Nascimento JA E et al. Depressão, auto estima, expectativa futura e esperança de vida de pessoas com HIV. Revista Brasileira de Enfermagem. 2019; 72(5):1288-1294.
17. Chen Y, Bruning E, Rubino J, Eder SE. Role of female intimate hygiene in vulvovaginal health: Global hygiene practices and product usage. Women's Health. 2017; 13(3):58-67.
18. Giraldo PC, Polo RC, Do Amaral RLG, Reis VV, Beghini J, Bardin MG. Hábitos e costumes de mulheres universitárias quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais, depilação e práticas sexuais. Rev Bras Ginecol Obstet. 2013; 35(9):401-6.
19. Fernandes DSP, Hübner GSDS, Buffon A, Cezar JS, Calil LN. Cuidado à saúde da mulher na extensão universitária: abordagem de uma experiência. Revista Baiana de Saúde Pública. 2016; 40(3):796-807.
20. Da Costa TDS, Capeletti CP, Mello ML, Vieira PR, Brum MD, Krabbe EC, de Carvalho TGML. Escola, sexualidade, práticas sexuais e vulnerabilidades para as infecções sexualmente transmissíveis (IST). Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão. 2016; 4(1):75-84.
21. Silva JRB, Freitas MJD, Zanatta LF, Godoi AML, Moraes JB, Ricardo LS E et al. Corpo, gênero e sexualidade: práticas de extensão universitária. Revista Ciência em Extensão. 2015; 11(1):100-115.
22. Cardoso AC, Corralo DJ, Krahl M, Alves LP. O estímulo à prática da interdisciplinaridade e do multiprofissionalismo: a Extensão Universitária como uma estratégia para a educação interprofissional. Revista da ABENO. 2015; 15(2):12-19.

Este artigo é de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons (CC BY-NC).
https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0